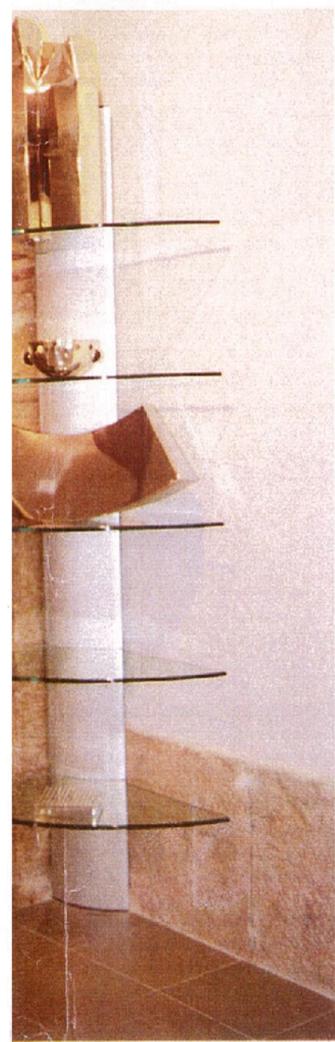
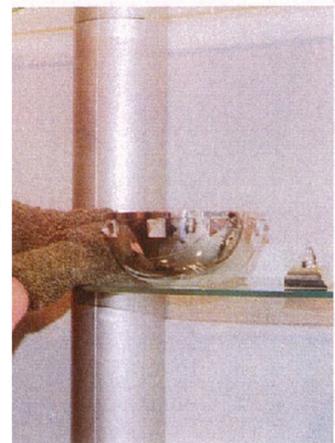


Revista Semanário 4 Dezembro 1999



É uma interlocutora fascinante. Ouvi-la contar histórias da sua vida, preenchida com muitas viagens e muitos amigos, é quase tão interessante como conhecer o seu percurso como artista. É nossa Kukas, simplesmente

CHAMA-SE MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA BORGES, MAS NINGUÉM A CONHECE A NÃO SER POR KUKAS. AGORA, ABRIU UMA LOJA COM O SEU NOME. UM ESPAÇO DELICIOSO, ONDE A DESIGNER EXPÕE JÓIAS E PEÇAS DECORATIVAS, CRIADAS A PARTIR DE UMA IMAGINAÇÃO ILIMITADA, QUE RESPEITA APENAS UMA REGRA: A AUTONOMIA DA FORMA.

TEXTO Carla Rodrigues FOTOGRAFIA Helena Moraes

Esta não é a sua primeira loja... É verdade, já tinha tido outra, na Praça das Flores, que esteve aberta mais de dez anos. Foi um sucesso, do ponto de vista do público, que a recebeu com imenso afecto. Ainda hoje encontro imensas pessoas que me dizem o quanto estavam ligadas àquela loja e como gostavam de ir lá comprar os mais variados objectos. Era uma loja muito acolhedora... A sociedade que a mantinha é que falhou.

Sendo assim, a abertura deste novo espaço tem, para si, um sabor especial. Sim. Foi um luto muito doloroso, que durou cerca de sete anos. A forma como a minha primeira loja fechou foi uma experiência tão negativa, que me sinto a renascer das cinzas por ter esta nova oportunidade. Parto para esta aventura solitária, que é também a forma mais segura de fazer as coisas. Nós só podemos confiar verdadeiramente nas nossas próprias capacidades.

Quais são as principais características das suas criações? Todas elas se expressam por formas muito lineares, muito simples. São o oposto daquilo que a maioria das pessoas gosta, que é uma carga de novo requismo: muito ouro, muita pedra... Eu, realmente, acho que o que interessa é a autonomia da forma e não a carga de riqueza. A minha posição passa por uma atitude ética com a qual alguns se identificam e outros não. Há quem prefira ter uma peça minha, que leva a qualquer lado e é identificável pela sua forma... outros preferem coisas muito ostensivas, em termos de riqueza material.

Quando começou a sua carreira de designer, a Kukas não só criava, como também executava todas as suas peças... Realmente, comecei por ser eu própria a executar as minhas peças. Hoje em dia já não o faço. Já criei centenas de formas e se fosse eu a executá-las todas, nunca

teria tido tempo para me dedicar à parte da imaginação, à parte criativa. E é esta a fase que mais me interessa. A parte da execução é a mais dolorosa. Tenta-se conseguir que o objecto corresponda a tudo aquilo que eu pensei. Às vezes as ideias não resultam na prática e é uma grande desilusão.

Tem consciência de que alterou o panorama da ourivesaria portuguesa? Eu acho que influenciei a ourivesaria portuguesa, não em termos de ourivesaria tradicional, mas em termos dos supostos novos designers de ourivesaria moderna. Pelo menos em Portugal, devo ter sido a primeira pessoa a fazer anéis quadrados. Ainda me lembro que as pessoas diziam "um anel quadrado, meu Deus!", mas depois punham no dedo e gostavam. O quadrado pode ser ergonómico, se for tratado de forma a não magoar o dedo. Hoje em dia, não há ninguém que não faça anéis quadrados, mas quan-

do comecei, toda a gente achava um espanto. Aliás, às vezes choca-me um pouco ver, passados 30 anos, coisas que eu fiz há 20, quase iguais. Isto apesar de se dizer que só se copia o que é bom. Mas eu não acho que seja exactamente assim. Hoje em dia, do mau é que se copia tudo, porque é muito mais barato. É muito mais fácil chegar, ver e vencer com as ideias dos outros. O imaginário é genético, nasce-se com criatividade ou não. O mais importante é a reelaboração dos códigos. Neste momento, vivemos num universo de repetição: os códigos não são recriados, mas sim imitados.

Que materiais prefere utilizar? Bem, acho a prata, por exemplo, um material muito digno. O outro também o é, mas tem uma conotação ostentatória que me desagradava. Contudo, também trabalho ouro, e gosto imenso do branco e da platina. Não o aplico mais por razões de investimento, mas reconheço que o brilho da platina, o tom do ouro branco, é distinto do da prata. É mais cinza, e gosto imenso! Não me importava nada de fazer mais peças em platina. Em relação às pedras, gosto de todas. Acho que as pedras são a Natureza, e não há nada na Natureza que eu acho que seja aberrante ou feio. As minhas preferidas são as pedras de lua, os cristais de rocha, os brilhantes (obviamente)... Gosto de todas as pedras que possuem

transparência, que toquem nos brancos, nos opalinos...
É fácil perceber que a decoração da sua loja espelha os seus gostos pessoais...
 É verdade. Cada vez estou mais virada para a monocromia. Pode ser que um dia me dê para o barroquismo outra vez, facto que aconteceu numa fase inicial, mas que também foi uma coisa muito transitória. Ao decorar a loja, tive a preocupação dessa monocromia, para aproveitar a estrutura de origem, que já era tão bonita e que permite, por si só, várias leituras. No que toca às cores, gosto muito dos cinzas, dos metálicos, dessa monocromia que não ocupa espaço, não pesa, não cansa o olhar... Até no meu trabalho, no que toca à junção de pedras, em vez de várias cores, eu prefiro a monocromia, sempre, embora não despreze nada a cor. No fundo, no fundo, o que eu gosto, e o que eu admiro, em qualquer manifestação, é, realmente, o poder de síntese, seja na música, na literatura ou na escultura. O barroco é um excesso, que teve a sua época. Acho que o mundo tende para a simplicidade e eu tenho muita admiração por aquelas pessoas que conseguem exprimir uma ideia ou uma forma com muito pouco material. Hoje em dia, não há tempo para ser barroco.

Que tipo de objectos vai ter na sua loja?
 Em primeiro lugar, objectos de-

corativos, tais como taças, castiçais e molduras. Também vão estar à venda algumas jóias, que são todas modestas, no seu valor material. Quem quiser transportar as formas disponíveis para valores mais altos, pode fazer uma encomenda. Todas as peças podem ser alteradas e, em vez de um zircão, pode colocar-se um brilhante, se a pessoa assim o desejar. Já criei, várias vezes, peças únicas e tenho o maior gosto nisso. É muito gratificante para mim, poder fazer jóias personalizadas.

Quais são as suas expectativas em relação ao público comprador?
 Até aqui, apenas um número restrito de pessoas estava interessado nas minhas peças, pessoas que estavam ligadas à arte moderna, ao design... pessoas que são uma minoria em Portugal, por uma questão educacional. Com este espaço, acho que vou ter acesso a um público mais diversificado. Hoje em dia, existe uma nova camada de pessoas, na sua maior parte, jovens, que evoluíram, têm poder de compra e gostam do meu trabalho. Já aconteceu clientes minhas dizerem-me que as filhas quando se casam pedem apenas para levar as jóias da Kukas.

No que se inspira para criar as suas peças?
 Eu observo constantemente as formas que me rodeiam. Estou atenta a tudo. Desde a forma que toma um fruto quando se

descasca ou se abre, até às formas que tomam certos elementos gráficos dentro de uma revista. Não há nada que não me sugira uma recriação da forma. Pode ser a arquitectura de um prédio, uma pintura, uma simples grelha ou uma roda de automóvel. O que eu gosto, sobretudo, é de aliar a funcionalidade à beleza estética, que, chega ao fim, é a realização do conceito de design.

Quem acompanha desde o início a obra da Kukas, sabe que a sua imaginação desconhece limites. É fácil controlar esse enorme potencial criativo?
 A minha maior dificuldade, que é também a minha única angústia existencial, é ter, pelo menos por enquanto, um grande potencial imaginativo sem capacidade real de concretização. Isto por vários motivos: por falta de tempo para fazer tudo, porque não tenho quem me execute todas as formas que imagino e porque não detenho poder material suficiente para as realizar a todas. Isso, realmente, cria uma certa angústia. Em contrapartida, sinto um prazer máximo quando vejo uma peça bem realizada. Quando isso acontece, já me contento, embora fique a pensar nas outras todas que ainda não consegui ver feitas. Eu tenho sempre a minha cabeça a fervilhar de ideias, num enorme filme ininterrupto, permanente, de coisas que eu gostava de ver realizadas. Vejo-as realizadas mentalmente, mas não pego nelas, não as vejo! Por outro lado, é claro que acho preferível ter a cabeça mobilada com a nossa criatividade do que ter o pensamento vazio...

Kukas

Imaginação sem limites